

## A terra tremeu dentro de mim e eu fiquei sem casa

Maíra Zenun<sup>1\*</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás- Brasil.

\*Autor de correspondência: [mairazenun@yahoo.com.br](mailto:mairazenun@yahoo.com.br)

### RESUMO

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa e registro de grafites e pichações inscritas nas paredes de Lisboa, e que advém de produção artística e política urbana feita pela população negra portuguesa e imigrante, que habita a cidade. O resultado é esta escrevivência sobre o corpo negro [feminino] em relação - e em atividade - com a experiência de ser e de estar (em) Lisboa, pensando como essas marcas da cidade afetam corpos negros, inclusive o meu. Dada a oportunidade, e destinada ao reconhecimento de dados sobre o que é ser do outro lado do Atlântico, nesta cidade qualquer. Pelas ruas da Damaia, pelas ruas da Linha de Sintra, da Cova da Moura, vi o meu corpo em protagonismo com outros corpos. E desta visagem necessária, articulei uma série de imagens, que revelam as marcas de uma população igual a mim, e diferente a mim, registradas nas paredes dessas cidades específicas, que moram e habitam a Lisboa dourada, das gentrificações, dos turistas em excesso e dos muitos pequenos mundos internos - que a constroem e alimentam. Lavagem, grafitagem, gravidez, sacudimentos e enxertos.

### ABSTRACT

This article is the result of a research project and recording of graffiti and graffiti inscribed on the walls of Lisbon, and which comes from artistic production and urban policy made by the black Portuguese and immigrant population, which inhabits the city. The result is this writing about the black [female] body in relation - and in activity - with the experience of being and being (in) Lisbon, thinking about how these marks of the city affect black bodies, including mine. Given the opportunity, and destined to the recognition of data about what it is like to be on the other side of the Atlantic, in any city. Through the streets of Damaia, through the streets of Linha de Sintra, of Cova da Moura, I saw my body in protagonism with other bodies. And from this necessary vision, I articulated a series of images, which reveal the marks of a population like me, and different from me, registered on the walls of these specific cities, which live and inhabit the golden Lisbon, of gentrifications, of excessive tourists and of the many small inner worlds - that build and feed it. Washing, graffiti, pregnancy, shaking and grafting.

### RESUMEN

Este artículo es el resultado de un proyecto de investigación y registro de grafitis y grafitis inscritos en los muros de Lisboa, y que proviene de la producción artística y política urbana realizada por la población negra portuguesa e inmigrante, que habita la ciudad. El resultado es este escrito sobre el cuerpo negro [femenino] en relación - y en actividad - con la experiencia de ser y estar (en) Lisboa, pensando cómo estas marcas de la ciudad afectan a los cuerpos negros, incluido el mío. Dada la oportunidad, y destinada al reconocimiento de datos sobre lo que es estar al otro lado del Atlántico, en cualquier ciudad. Por las calles de Damaia, por las calles de Linha de Sintra, de Cova da Moura, vi mi cuerpo en protagonismo con otros cuerpos. Y desde esta necesaria visión, articulé una serie de imágenes, que revelan las marcas de una población como yo, y diferente a mí, inscritas en los muros de estas ciudades específicas, que viven y habitan la Lisboa dorada, de gentrificaciones, de desmesura. turistas y de los muchos pequeños mundos interiores- que la construyen y la alimentan. Lavado, graffiti, preñez, sacudida e injerto.

### PALAVRAS-CHAVE:

Colonialidade  
Autoetnografia  
Escrevivências  
Metodologias contra  
coloniais  
Migração

### KEYWORDS:

Coloniality,  
Autoethnography  
Writing  
Counter-colonial  
methodologies  
Migratio

### PALABRAS-CLAVE:

Colonialidad  
Autoetnografía  
Escritura  
Metodologías  
contracoloniales  
Migración

## **.o pretexto do todo.**

Sobre estar sem casa e ficar sem jeito... vou falar aqui do que sinto e do que vejo. sobre estar em um país diferente do solo materno. sobre (r)existir...<sup>1</sup> há muito o que se pensar, no decorrer da marcação do sistema, que nunca chega. sobre estar em uma terra onde não te dão documentos, não te dão garantias... transtorno. impedimentos. falta de segurança. de segurança social. daí que, transformo o que posso e o que sinto - os afetos e o corpo-aberto -, em território extenso, em morada certa. faço dos teus braços, a minha casa, e os transformo em ninho de poder e confiança. mas, sendo este - o descaso do estado -, um tipo de resultado, de fluxo intenso entre tantas descendências partidas e fronteiras inventadas: paro, insisto e reparo. nas paredes, nas ruas, nos becos desta cidade-qualquer, desta cidade-cercada, sitiada: cidade-Lisboa. que é uma e é muitas. cheia de mitos e invenções. penso e assisto - intervenho -, para não sucumbir no limbo que é ficar sem cartão, sem cidadania. e é incrível como os rabiscos, os desenhos, as colagens, as pinturas - as imagens - grafadas nessas paisagens, falam tanto sobre o intenso, sobre o fabulado. denunciando, inclusive, aquilo que também não se vê, aquilo que está disfarçado ou que se apaga. e neste universo todo que é o pretexto do humano, que é o abuso do inventado, é incrível como a cultura visual desta cidade turismo, cidade-Lisboa, demonstra quais são as suas narrativas de inclusão X exclusão. quais são as suas fantasias e distrações. quais são os seus circuitos e poemas. incrível também como essas imagens carregam discursos. muitos deles. mais de mil. alguns, mais que marginalizados. afinal, a história de muitas populações - que são as minhas - desaparecem dos mapas políticos e simbólicos desta cidade (mais-uma) que é Lisboa, e se alojam nos mapas mentais das pessoas. distraidamente. de fato, taí uma cidade onde os corpos que a visitam se distraem no roteiro das chacinas, dos antigos pelourinhos e mercados (MBEMBE, 2014; HENRIQUES, 2011). sem culpa ou pecado. e tudo aqui parece muito surreal mesmo, na Lisboa de luz boa. onde, deste ciclo de

---

<sup>1</sup> resistir é existir para um corpo negro.

impedimentos, invasões e ilusões, as pessoas que não estão inscritas na fantasia encantada, deixam de ser retratadas pelas imagens oficiais, mas (re)aparecem noutras marcas. ressurgem. se espalham. e se ficamos atentas, se nos pomos dispostas, encontramos as respostas. nas próprias imagens. nessas imagens-marcas-espinhos-farpas. espalhadas. chega a ser interessante mesmo como essas representações-marginais - não oficiais - falam muito, explicam tanto. sobre o que se esconde da/na cidade-roteiro-esquema. e daquilo que era para ser somente um fardo, de somente ter o meu corpo-território como experiência do que é "ser de fora"... transformo o absurdo em aprendizado. em colheita. afinal, precisei sair de casa para entender minha existência. (r)esistência. andando por Lisboa, escutando essa cidade, percebi em suas feridas grafitadas, que sobre a história inventada pela colonialidade (dussel, 2006), pela ocidentalidade, pelo capitalismo, pela modernidade... parece que elas denunciam (as farsas), e falam mais mesmo é sobre um projeto de mundo imposto, que nunca foi amplo, nunca foi inclusivo. nunca esteve disposto. disposto aos corpos (meu), aos corpos-outros.



Fotografia 1 - "Basta de repressão policial". Foto de Máira Zenun.



Fotografia 2 - "Caralho dos Pretos". Foto de Máira Zenun.

## **.a ausência inventada.**

depois de andar muito, de escutar muito. de escutar as ruas e o rio. sinto e percebo um pouco daquilo tudo que me rodeia: sobre o excesso de apego à história inventada. sobre as farturas. sobre o pequenino. o pequenino português, dos pequeninos. mas, sendo este um todo-inventado, um todo-fantástico, um pretexto, para o humano, para a invenção de ausências... paro e sinto<sup>2</sup> - sinto sendo eu alguém de fora, de fora do projeto que é pretexto para o humano, para o todo. mas, o que há para se pensar, portanto? sobre os apagamentos? sobre o racismo? sobre a estrutura visceral da indignação ou sobre a institucionalização de certas experiências? no corpo. na carne - e a carne mais barata no mercado, faz é tempo, é a carne negra. como explicar esta exclusão orquestrada? como explicar o difícil que é ser um corpo não branco, negro, marrom, meio cinza, amarelo, azul, preto? na madrugada da cidade em festa? da cidade-Lisboa-inventada... é que a presença invisibilizada desses corpos - não brancos - se sustenta na obsessão inventada, no policiamento impregnado, na precarização inventada, na inabilidade inventada, na pobreza instaurada, nas fronteiras inventadas... sobre esses mesmos corpos, não brancos - inventados. ela se sustenta e se auxilia da ausência inventada, forçada, àqueles que não estão incluídos no pretexto do humano-branco - do humano-pouco. pretexto esse que é pouco e raso feito neblina. mas, que também é muito - alicerçado e aliciado por canhões, jazidas e machados - e tem funcionado para a manutenção das coisas perversas. mesmo que ele - o pretexto do todo - nunca tenha sido suficiente para dar conta do muito, ou de aplacar o todo-pequenino-inventado. e sobre esta fissura toda que se sente agora - sendo eu alguém de fora, como tantas, como tantos -, sobre quando penso sobre o todo-fantástico inventado e sobre tudo isso... é o mesmo como quando a terra treme dentro de nós e ficamos sem casa. ficamos sem espaço na cidade. empurrados às beiras, às covas. sem papel, sem cidadania. sem segurança. sem direitos perante o estado. mesmo nós, não poucos, não brancos. nós muitos - negros, marrons, meio cinzas, amarelos, azuis, pretos. o sistema estado-todo nos apaga, nos anula, na função de ser para poucos. mas, eu não quero perder a minha memória. eu sou a minha memória. e mesmo assim ele, esse estado para

---

<sup>2</sup>afinal, sentir é tudo o que o corpo faz enquanto está pensando (GÜNTHER & COELHO, 2012).

poucos, inventado para poucos, nos põe em prova, nos exclui da roda. sendo, então, esta a questão! a questão da invisibilização. sobre a invisibilização deste poema inacabado... sobre o apagamento anunciado... de certos corpos - negros, não brancos, pretos, marrons, meio cinzas, amarelos -, de certas histórias... há ainda este trânsito desenfreado da vida contemporânea e as suas fronteiras inventadas-reforçadas pelo atual-antigo sistema-mundo. compartimentalizando os espaços, infectando os olhares, fragmentando as memórias... estilhaçando os corpos... a gente vai sendo apagada, numa cidade assim, tão racista. mas, nós resistimos em existir. igualmente. por inteiro. e para sempre. mesmo sob esta eterna sensação de estar no lugar errado. do lado de fora. de fora das fronteiras e sem casa. sentimento que também é uma fábula, tendo em vista o tanto de corpos negros (não brancos, não pretos, marrons, meio cinzas, amarelos) que circulam e vivem esta espacialidade.



Fotografia 3 - Rastros. Foto de Maíra Zenun Almada.

**.somos muitos, somos pragas.**

sobre sermos esse todo em muitos, flanando-vivendo-(r)existindo pela cidade... é estranho se descobrir em um mundo tão pequenino, ocupado-roudeado por outros mundos, tão intensos. por exemplo, há, atualmente, cerca de 400 mil estrangeiras

e estrangeiros (com registro, papel, documentos, cartão, segurança) habitando Portugal. cerca de 44,1% dessa população super plural (pois são muitas as nacionalidades que migram para o país) se ocupa-estuda-trabalha-habita o distrito de Lisboa (176.963)<sup>3</sup>. de toda essa gente, a imigração mais constante e regular para Lisboa/portugal têm sido oriunda de Cabo Verde, Brasil, Angola, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe<sup>4</sup>. mas, há ainda uma imigração bem intensa da Europa do Leste (Romênia e Ucrânia) e da Ásia (Nepal, Bangladesh, Índia). logo, logos, lindos... somos muitos, somos incontornáveis e somos notáveis. afinal, somos muitos, somos pragas<sup>5</sup>. pragas boas. centenas de milhares de corpos - não brancos, ciganos, amarelos, azuis, marrons, meio cinzas, pretos... ocupando as ruas da cidade-turismo, da cidade-Lisboa. mesmo que nos cantos. mesmo que nas beiras. corpos outros para o todo-fantástico inventado pequenino. corpos outros corpos. animais humanos, de carga. das zonas. mas, mesmo sendo Lisboa a cidade da diversidade e da tolerância, no emblema e para inglês ver, em seus anúncios e proclamas, em sua imagem inventada, é visível que está ausente a informação de que ela apresenta uma enorme pluralidade de tipos, de vidas, de sotaques e cores, no que se refere as populações que vem e que vão... em relação ao restante do país dos pequeninos. há quem diga ainda que a presença negra é antiga... é secular (TINHORÃO, 1997; HENRIQUES, 2011). assim, precisei vir para ver. Lisboa é em excessos. é em muitos. mesmo querendo ser em pouco, em constância ritualizada na tradição do império, das colônias, das navegações, do turismo e das farturas. por isso e por mais, por tudo e por nós... tenho em mim muitas feridas... abertas, cicatrizadas, frisadas... feridas. muitas delas. costuradas a essas conquistas e descobertas inventadas pelo império dos pequeninos. e toda vez que eu escuto histórias de naus e caravelas e de desbravamentos e de perseguições e conquistas, eu tenho náuseas, tenho ânsias... me vomito toda... me esqueço toda. por inteira. só não me esqueço de todos esses corpos-territórios, como o meu, como os nossos, que continuam sendo tratados como outros-fronteiriços... continuam e (r)existem,

---

<sup>3</sup> dados pesquisados no dia 27 de dezembro de 2017, no endereço [https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Plano-municipal-para-a-integra%C3%A7%C3%A3o-de-imigrantes-de-Lisboa\\_Vol.2\\_2015\\_17.pdf](https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Plano-municipal-para-a-integra%C3%A7%C3%A3o-de-imigrantes-de-Lisboa_Vol.2_2015_17.pdf) - plano municipal para a integração de imigrantes de Lisboa, vol.2, 2015.

<sup>4</sup> plano municipal para a integração de imigrantes de Lisboa, volume 2, pág. 11.

<sup>5</sup> boas pragas trazem equilíbrio e, quando necessário, ajudam a evitar ou retardar o fim de certas culturas.

mesmo sendo tratados como não humanos, como não dignos, como externos. corpos-territórios que não integram a imagem desenhada da cidade-cercada, da cidade-Lisboa. apenas na lembrança da conquista e do império. posto que eles não podem, não puderam nos queimar a todas. e é nisso que se completa a ausência inventada. no apagamento sutil dessas marcas humanas, no encarceramento dessas vidas humanas... a fábula só prova o quanto essas rotas foram rôtas, foram torpes... só prova o quanto o padrão das invasões se transforma em chacina velada, em abuso constante. ostentando um passado de violência inglória. e sobre os apagamentos... sobre serem esses atos tão forçados, tão fingidos... que vão sufocando aos poucos... vão caducando aos poucos, ressuscitando aos poucos... me deslumbro com as novas possibilidades e movimentos e ações. posto que, como jota (2017) já dizia, assim como nós, os nossos fantasmas estão voltando para cobrar todas essas dívidas. eles já estão a caminho... e a nossa presença já não é mais tão silenciosa, tinhorão. já não se apaga. ela é estridente, é aflitiva e gritante. ela é nos corpos, nos cheiros, nas paisagens, nos crioulos, nas risadas. porque, quando eles nos apagam, nós voltamos a estar. eles nos apagam, nós voltamos a estar lá... na ausência imposta aos espaços que nunca estão [devidamente] instrumentalizados - pelo estado. com exceção do seu braço armado. eles nos apagam, nos esmagam... mas nós vamos lá e nos marcamos, nos inserimos, nos deflagramos - de novo e de novo e again. por toda a cidade. pela cidade toda. por toda ela. desde muito e para sempre!

### **.a presença deflagrada.**

então, se desde sempre, somos todos mesmos muitos, somos todos tão visíveis, entendo que a inexistência foi fabulada e com um propósito bem específico: capitalizar corpos não brancos e reforçar fronteiras inventadas. mas, mesmo sob essa ausência inventada, mesmo com todas essas fábulas, a presença deflagra! ela se impõe, ela se insiste. está nas marcas, está riscada nas paredes e nos muros da cidade-Lisboa-turismo. e os muros não mentem... sabia? as paredes não metem nunca. porque se nos apagam, nós voltamos e nos marcamos. mesmo depois de tanta visibilidade invisibilizada. as paredes não escondem nem disfarçam essa presença. tanto que, para quem por aqui passa, para quem por aqui habita ou

desembarca, na cidade-turismo inventada, logo se vê que somos muitos, somos vários. para quem vem de fora, de fora de tudo e sem nunca ter estado, sabendo pouco... e completamente enganada - pelos manuais, pelos almanaques, pelas distopias - , para quem chega desavisada em Lisboa - em qualquer cidade do sistema, aliás -, a cidade é (em) várias repúblicas. a cidade é em diferentes línguas... e se apresenta em vários corpos, em várias cores e pensamentos. taí uma imagem que se revela e que não compõe em nada a cidade-inventada das ausências instauradas. e é por isso que os gritos vão além... das paredes, dos muros, dos guetos. em 2016, a plataforma afrodescendente de portugal - representando 22 associações políticas "enviou uma carta ao comité das nações unidas para a eliminação da discriminação racial a criticar o estado português por não reconhecer que são precisas políticas específicas (...) queixam-se ainda de falta de verdadeiro diálogo do estado com as entidades que lideram o combate ao racismo e à exclusão no terreno." (GORJÃO, 2016). de fato, não é algo novo afirmar que o atual sistema-mundo de organização da vida humana inventou categorias<sup>6</sup> e impôs essas mesmas categorias - por meio de diferentes violências - a tipos específicos de corpos não brancos (negros, ciganos, amarelos, azuis, marrons, meio cinzas, pretos). tudo isso, na intenção e a fim de destituí-los de poder, de referências, de memórias e de histórias<sup>7</sup>... incrível como essa estratégia tem funcionado para manipular nossas memórias. todas elas. todas juntas. e como se não bastasse, esse mesmo sistema - que é o pretexto do todo inventado para capitalizar os corpos-outros - passou a promover disputas internas entre os subalternizados não brancos, criando escalas de referência para o "ser" ser humano. como a cor da pele dos corpos territórios. e da arte de sobreviver entre tantas opressões in-visíveis, escolho problematizar através da arte e dos apagamentos, esta possibilidade efabulada (lança, 2014). que é o corpo negro, não branco, marrom, cigano, sem pinto, meio cinza, amarelo, azul, preto. sendo este corpo negro (não branco, marrom, meio cinza, sem pinto, cigano, amarelo, azul, preto) (que pode ser o meu ou o de outrxs), uma construção direta e inventada da violenta relação estipulada pelo colonialismo, entre Europa, América, Oceania, Ásia e África - a primeira. inventada, perpetuada e

---

<sup>6</sup> invenções inventadas.

<sup>7</sup> como e pelo simples direito de existir.



perpetrada... uma vez que as nossas sociedades ainda são predominantemente dominadas por homens brancos (invenção monstruosa). algo que se vê na forma e no contexto da vida insana, judiciária, policiada... que não os alcança. e assim segue a ciranda... nascer homem é ter uma vida diferente daquela que será a vida de quem nasce mulher. assim como nascer mulher branca ou homem negro, é ter uma vida bem diferente daquela vida que nasce no corpo de uma mulher negra, não branca (sem pinto, marrom, meio cinza, amarela, azul, preta, cigana). sem contar as dificuldades dos corpos indígenas, intersexos e transgêneros, que no pretexto do todo, também ficam de fora. já dizia alguém sabida. mas, por que isso acontece, perguntarão alguns desatentos, algumas desinformadas. daí, portanto, quando olhava para as paredes e muros e vielas e calçadas desta cidade-turismo-inventada, senti a urgência de problematizar a invenção que é este corpo não branco - negro - e sua ausência imposta, a partir da fala própria e apropriada de quem vivência a experiência de ser e ter esta carcaça negada e invisibilizada, pela cultura hegemônica que permeia e persiste nessa cidade qualquer.

### **.o corpo (meu) partido ao(s) meio(s).**

Lisboa, portanto, tem sido uma cidade que me ensina, quotidianamente, o que é ser de fora, de fora das fronteiras do conhecimento privilegiado. um corpo, um lugar. definido. historicamente aludido. entre a exclusão e a invisibilidade. presumida. e deste desabafo poético ilustrado ilusório, inventado, o que digo? digo apenas o penso e o que sinto. como tantas, como muitos. sendo eu uma praga americana, vinda de lá, retornada. que precisou chegar nesta fronteira inventada, para descobrir que a África está em tudo, está em nós e não se apaga. na descoberta de que, como o meu, como tantos outros, os corpos foram partidos ao meio, como os territórios, as famílias, as crenças, as certezas. só não duvida quem é parte - do pretexto do todo inventado. sou, como tantas, como muitos, como as pragas, que se espalham e persistem, para dar continuidade a vida. sou humana fauna animal. entretanto, apesar de sermos muitos, todos esses corpos, inclusive sobre o que se faz estar ausente para um todo, no privilégio mantido para poucos, a estratégia do apagamento tem funcionado para manipular nossas memórias. nossas histórias. mas, eu não esqueço nunca. não desapareço em nada. inclusive,

dizem que as narrativas oficiais falam muito sobre nós, humanos. mas, afinal, quem é o humano? não cidadão é humano? sem cartão é humano? o impedido é humano? e o ilegal? é humano? cercada de indigências, me questiono. e reparo... e percebo, e escuto. e vejo. mas, quando nos apagam, será que falam mesmo sobre o todo? falam... quando apagam, também falam sobre. o que significa, portanto, ocupar um corpo-território não branco? um corpo território feminino, imigrante, desterrado, no fluxo de tantas descendências partidas e fronteiras inventadas? de tantas desobediências inesperadas?



Fotografia 4 - Família. Foto de Maíra Zenun Almada.

Diante desta minha história em construção, permeada de situações de racismos institucionalizados, e forjada sob uma trajetória que define o meu olhar e o meu lugar de fala, assumo. os processos criativos têm me possibilitado pensar, de que forma, o corpo é também figura-fruto de um atropelamento fatal e intenso, recente, de descendências perdidas e de fronteiras partidas. uma ficção científica. um objeto inventado e em real-ação, em relação superficial com um outro-ficcionalizado... delirado, também desenhado. mas, num último suspiro, sobre como as dores são hereditárias... não podemos nos manter partidos aos meios. porque quando nos apagam, nós voltamos a estar lá... de novo e de novo e again. desde sempre e desde muito! e sobre o todo. até. e mais nada.

### **.referências bibliográficas.**

DUSSEL, Enrique. 2006. Transmodernidad e interculturalidad, In Filosofía de la cultura y la liberación, México: UNAM.

GORJÃO, Joana. Vinte e duas associações de afro-descendentes queixam-se de Portugal à ONU. Artigo publicado no Público, em 5 de Dezembro de 2016, no endereço <https://www.publico.pt/2016/12/05/sociedade/noticia/xxx-associacoes-de-afrodescendentes-enviam-carta-a-onu-a-criticar-estado-1753485>.

HENRIQUES, Isabel. Os africanos em Portugal - História e Memória Séculos XV-XXI. Mercado de Letras Editores, Lda. 2011.

LANÇA, Marta. Tópicos sobre cinema africano. Artigo publicado no site Rede Angola, no dia 03.12.2014, no endereço <http://www.redeangola.info/especiais/condicoes-de-producao-do-cinema-africano/>.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.

REIS, Carolina. "Cláudia Caldeirinha: As mulheres foram apagadas da fotografia da História", publicada no dia 09.09.2017 e disponível no endereço <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-09-09-Claudia-Caldeirinha--As-mulheres-foram-apagadas-da-fotografia-da-Historia>.

TINHORÃO, José Ramos. Os negros em Portugal: uma presença silenciosa / José Ramos Tinhorão. - 2ª ed. - Lisboa : Caminho, 1997. - Coleção Universitária).